

A EXPRESSÃO DO ASPECTO VERBAL PERIFRÁSTICO EM NARRATIVAS HISTÓRICAS

Simone Cordeiro de Oliveira (UFAC)

monyczs@hotmail.com

Maria Aldenora dos Santos Lima (UFAC)

mariaas11@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

Dentre as classes de palavras, o verbo é uma das de maior destaque, pois possibilita a elaboração e entendimento de frases e textos e, portanto, a comunicação. Logo, é importante (re)conhecer suas propriedades, bem como as inúmeras possibilidades de significação, tanto para a língua falada quanto para a língua escrita. Dentro do estudo dos verbos há, contudo, uma categoria linguística pouco trabalhada fora do âmbito da academia; trata-se do aspecto verbal. Muitas vezes concluímos nossos estudos do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, sem nunca termos ouvido falar sobre o aspecto verbal. A abordagem do tema restringe-se às classificações de gênero, número, voz, tempo, modo e pessoa.

Mas, ao analisarmos o aspecto verbal de forma mais reflexiva, percebemos que alguns conceitos acumulados ao longo do período em que nos dedicamos ao estudo dos verbos fazem relação com esta categoria e que seu uso na língua portuguesa ocorre com alguma frequência. Compreendemos, então, que as questões relacionadas aos tempos verbais estão ligeiramente interligadas ao aspecto verbal. Muitos fatores contribuem para a falta de conhecimento do aspecto verbal nas escolas, contudo, consideramos mais grave a ausência deste conteúdo em algumas gramáticas, assim com em materiais didáticos direcionados ao ensino da língua portuguesa.

Por outro lado, a escassez de estudos voltados para esta categoria revela que o aspecto verbal é um campo propício à investigação, principalmente na abordagem da língua falada. Castilho (1968), Cerqueira (1984), Barroso (1994), Ilari (2001), Travaglia (2006) são autores que se debruçaram sobre a questão do aspecto na língua escrita. Pontes (1972) em “A Estrutura do Verbo no Português Coloquial” apresenta, de forma tímida, uma abordagem do aspecto verbal falado, quando propõe a descrição do sistema flexional do verbo da língua portuguesa, tal como se

estruturava na língua coloquial espontânea das pessoas cultas do Rio de Janeiro. Costa (2002) foi uma das poucas estudiosas que se dedicaram à questão do aspecto na fala.

Neste artigo, propomos fazer um estudo do aspecto tendo por base as duas modalidades da língua: falada e escrita. Os dados coletados compõem o texto “Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras”. Trata-se de uma abordagem histórica do escritor acriano Albuquerque (2005) sobre o cotidiano e as formas de lutas de seringueiros e ribeirinhos que habitavam às margens do rio Muru durante o período de 1970 a 1990. Realizando um trabalho que buscava registrar as histórias de vida e entrevistas com trabalhadores da mata, Albuquerque consegue, em seu texto, desenhar, aos poucos, a vida desses habitantes da Amazônia por meio das lembranças do passado, crenças, mitos e tradições. A riqueza de detalhes da linguagem falada apresentada por meio de transcrições das falas dos entrevistados, ao longo da obra, foi fundamental para sua seleção como parte integrante do *corpus* deste trabalho.

2. A expressão do aspecto em perífrases verbais compostas por “ter”, “haver”, “estar”, “ir” e “vir” na obra “Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras”

Para análise das perífrases verbais presentes na abordagem histórica acriana, destacamos que o discurso falado será analisado a partir de informações linguísticas e extralinguísticas fornecidas pelo historiador, tais como adjuntos adverbiais e o contexto em que as ações se desenvolveram. Em seu texto, Albuquerque registra, sempre que se propõe a transcrever o relato de um entrevistado, o espaço em que o discurso foi produzido, como podemos notar a seguir.

Com a voz tranquila e gestos significativos, o seringueiro Francisco Maurício, sentado na proa da canoa em que viajávamos, desviando seu olhar ora para a correnteza do rio, ora para o teto da pequena embarcação, reconstituiu sua trajetória de andanças, trabalho e luta pelos seringaais do Muru.

“porque o Raimundo Trindade (o patrão), eu comprava dele e ele queria que eu comprasse uma farinha dele, né. Aí tava o seu Manuel Alves, me chamou pra mim fazê farinha de metade mais ele, que eu num comprava farinha, né [...]”.

A partir da reflexão e diálogo com o depoimento de Maurício, pode-se depreender que a estratégia de trabalhar de metade constituiu-se dentro daquela dimensão da solidariedade entre os trabalhadores rurais, por um lado, e da cumplicidade com o meio em que vivem, por outro. (ALBUQUERQUE,

Esta riqueza de detalhes na descrição é possível porque o texto foi construído a partir da experiência que o historiador teve com os moradores: “[...] no desenvolvimento da pesquisa priorizei o trabalho com a fonte oral, como forma de dar vazão às expectativas de pensar o cotidiano dos trabalhadores rurais a partir de suas próprias representações, [...]” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 28).

Elencamos todas as situações encontradas no *corpus* especificado em que se encontravam perífrases verbais marcadas aspectualmente. Limitamo-nos a essa condição, seguindo atentamente o objetivo do nosso trabalho: analisar a expressão do aspecto em perífrases verbais compostas por “ter”, “haver”, “estar”, “ir” e “vir” na obra “Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras”.

Feita a coleta dos dados a serem analisados, utilizaremos a classificação do aspecto verbal da língua portuguesa proposta por Travaglia, além de sugerimos outras combinações perifrásticas e comentamos a mudança semântica que produzem. Foram encontradas 60 construções perifrásticas com “ter”, “haver”, “estar”, “ir”, e “vir” no discurso do historiador e 63 no dos depoentes. Apesar da aparente aproximação na quantidade de produções nestas construções percebemos que elas ocorreram com maior frequência nos registros orais, visto que o número de transcrições da fala dos entrevistados foi inferior à quantidade de enunciados elaborados pelo autor.

Ao compararmos as construções, constatamos que a forma verbal “ter” foi utilizada 12 vezes pelo pesquisador e 9 pelos entrevistados. Quanto ao verbo “estar”, o historiador o produziu em 8 momentos e transcreveu 22 vezes ao fazer referência à língua falada. Para “ir”, verificamos 25 realizações no discurso de autor e 23 no dos entrevistados. Por fim, houve, com o estudioso, 15 ocorrências da forma “vir”, enquanto nas falas dos moradores do Rio Muru 9 ocorrências foram registradas. A seguir, faremos uma exposição dos casos comuns encontrados ao longo da análise.

A perífrase “ter” + participio expressa, na maioria das vezes, aspecto perfectivo e acabado. Pouco utilizada no texto, esta perífrase apresenta verbo auxiliar tanto na forma do indicativo, quanto no gerúndio, conforme observamos a seguir.

1. **Isso não quer dizer que as terras não tenham sido “compradas” a preços irrisórios por grupos empresariais do centro-sul, os “paulis-**

tas”, como ficaram popularmente conhecidos e estigmatizados pelos posseiros da região. (perfectivo, acabado)

2. Muitos deles residiam em colônias, no Baixo Muru e tinham uma trajetória de participação em lutas pela posse da terra, contra a expropriação para a implantação de fazendas de gado, pelo direito de “botar roçado” e, no caso de alguns, já tendo residido na “rua” e, posteriormente, retornado para o “mato”. (perfectivo, acabado)

Apesar das variações na forma verbal auxiliar, notamos que o valor de perfectividade se mantém. Nos dois casos os aspectos são classificados como perfectivos, acabados. Na língua portuguesa não consideramos que esta perífrase possa ser usada no pretérito perfeito ou mais-que-perfeito, pois os dois “Tempos”² marcam o mesmo recurso para a expressão de somente uma noção, o que iria contra o princípio da economia linguística.

No enunciado (3) o segmento gerúndio “ter” + participípio + participípio mostra situação concluída não apenas pelo verbo principal “vendidos”, mas também, pelo auxiliar “sido” que transmite a ideia de ação já realizada.

3. Interessante observar que, mesmo com muitos dos seringais do Muru tendo sido vendidos a grupos de empresários do centro-sul, os arrendamentos marcaram sobremaneira as novas formas de gerenciamento dos seringais e a manutenção da produção extrativista como atividade principal. (perfectivo, acabado)

No presente do indicativo, a perífrase em questão marca imperfeito, assim como os aspectos “A” e iterativo, conforme notamos em:

4. Cabe enfatizar que não desejo, com isso, erguer os seringueiros-agricultores do Muru à condição de “novos heróis”, pois em nada estaria diferenciando meu enfoque de uma “historiografia barroca”, que tem prevalecido na Amazônia. (imperfectivo, começado ou não acabado)

Além desta forma perifrástica que indica aspectos imperfectivo e “A”, encontramos no *corpus* composições de “ter” + a + infinitivo que denota aspecto não atualizado. Como buscamos analisar o valor aspectual das perífrases verbais no texto “Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras” apenas apresentaremos em (5) e (6) os períodos que ilustram esta si-

² Consideramos “tempo” o termo utilizado para ilustrar a faixa cronológica de presente, passado e futuro; por “Tempo” devem ser compreendidas as inúmeras conjugações nos modos indicativo, gerúndio e participípio; para designar o aspecto empregaremos “TEMPO”.

tuação.

5. Essa “economia da floresta”, que prefiro qualificar como lutas de resistência inseridas no contexto maior das estratégias de sobrevivência, *tem a ver* com o que venho designando de cumplicidade entre homem-meio ou, numa análise mais ampla, homem e mundo natural. (aspecto não atualizado)
6. Os significados que os trabalhadores rurais atribuem à forma como relacionam-se com o “mundo natural”, ganham corpo se encarados no interior de um leque de questões que *têm a ver* com o suprir de suas necessidades imediatas, com interesses de maior ganho, com o modo como vivem, dentre outras que se configuram num terreno de múltiplos e, às vezes, contraditórios sentidos. (aspecto não atualizado)

No entanto, quando substituímos, desta composição perifrástica, o conectivo “a” por “que” teremos aspectos perfectivo, acabado. Sua definição está marcada principalmente nas informações contidas no decorrer do período, conforme observamos em (7).

7. Após várias décadas de exploração da borracha nos seringais do Muru, o trabalho do corte tornou-se, gradativamente, mais difícil, com os seringueiros *tendo que subir* em grandes alturas para extrair o leite das seringueiras, na medida em que as partes mais baixas do caule dessas árvores foram desgastando-se. (perfectivo, acabado)

A ideia de perfectividade contida neste período é expressa, principalmente, pelos adjuntos adverbiais de tempo “após várias décadas”, bem como pelo adjunto adverbial de modo “gradativamente”, contido na primeira oração. Em outros casos, esta formação perifrástica indica aspecto imperfectivo. Como não há nenhum registro linguístico que aponte para uma mudança de classificação, é necessário sabermos o contexto em que o discurso foi produzido.

8. Pra empauzar uma estrada, *tem que tirá* aqueles pau mais resistente, agora pra casa, quando é pros esteio, é pau de âmagô, né, pau de âmagô. (imperfectivo não começado; imperfectivo, habitual)
9. Até meu filho de doze e treze ano, *tem que subi* na madeira, sobe porque se obriga a subi, eu tô velho, vou assim mermo, ou tremendo ou chorando, mermo assim eu *tenho que ir*, senão num tem condição e a gente morre de fome. (imperfectivo, não começado; imperfectivo, habitual)

As duas proposições têm aspectos imperfectivos, pois apresentam situações incompletas que são expressas pelos verbos principais “tirar” e “ir”, respectivamente. Quando analisamos estas ocorrências de forma isolada do contexto podemos classificar o aspecto verbal como não começado, pois indicam situações que ainda irão se realizar “tem que tirá” e “te-

inho que ir”. Contudo, uma vez conhecida a circunstância que motivou o registro, classificaremos o aspecto como habitual. Após transcrever a frase (9), o historiador acrescenta: “ao reconstituir seu dia a dia, o depoente expressa um significado do trabalho como possibilidade de realização de projetos amparados nas necessidades básicas de sua família, ‘projetos de vida’” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 110).

Identificamos que nas perífrases cujo verbo “ter” apresenta-se como auxiliar, as situações são classificadas como acabadas, tanto no discurso do autor, quanto nas transcrições das falas dos depoentes. Constatamos, ainda, que, apesar das perífrases com “haver” + particípio ter o mesmo valor aspectual de “ter” + particípio, não há, no *corpus*, nenhum registro desta construção perifrástica.

Por sua vez, as perífrases com “estar” podem expressar tanto situação completa quanto incompleta. Esta é comum ao discurso dos depoentes, enquanto aquela é mais utilizada pelo historiador. O emprego desta construção perifrástica, indicando aspecto perfectivo, sempre foi usado ao fazer referência ao contexto histórico da obra, mostrando os processos exploradores em que eram submetidos os seringueiros-agricultores do Muru.

10. **Para eles, a identificação com o meio *está vinculada* ao trabalho e a noção de sobrevivência, que não é física, mas também psíquica e ambiental. (perfectivo, durativo)**
11. **Essas novas formas de administração dos seringais implicaram, sempre, numa maior exploração dos trabalhadores extrativistas que, além da renda, a qual *estavam obrigados a pagar*, sofriam todo tipo de especulação, como o aumento nos preços das mercadorias e o advento de “comissões” pelos gerentes dos seringais. (perfectivo, acabado)**
12. **Seu modo de compreensão do mundo é esse, sua identidade social *está vinculada* a esse modo de viver. (perfectivo, durativo)**
13. **Sua representação de vivência num “canto pra sofrer mais pouco” *está vinculada* a um assentamento as margens de um igarapé, com uma terrinha para o roçado e condições de extrair madeiras, frutos, raízes, borracha e outros produtos que a floresta propicia. (perfectivo, durativo)**

Das 5 composições de “estar” + particípio, produzidas pelo autor, 3 tem “vinculada” como termo principal. Em todos os casos, no texto com este verbo, o aspecto é classificado como perfectivo, por mostrar uma realidade comum do cenário retratado. Além de perfectivas, as proposições são, também, durativas visto que denotam características não

apenas sociais, mas culturais e identitárias conforme podemos perceber na frase (12).

O valor de duração é manifestado nos períodos por ter verbo auxiliar no presente do indicativo. Substituindo-o pela forma verbal do pretérito imperfeito, “estava”, a perfectividade ainda se manterá, mas a ideia de continuidade será substituída por situação acabada, acabado. O enunciado (11) expressa esse aspecto.

Albuquerque também utilizou “estar” + gerúndio + infinitivo, construção rara na obra que apresenta os momentos iniciais da situação narrada.

14. **Vale frisar que, ao trabalhar com o conceito de cultura, não estou tentando apresentar explicações homogêneas para dar conta desse viver dos trabalhadores rurais. (imperfeito, inceptivo)**

Para obtermos melhor resultado sobre o aspecto inceptivo, expresso na frase, basta retirar o adjunto adverbial de negação que antecede a perífrase, de qualquer forma a noção de situação incompleta, apresentada em seu ponto de início se manterá. Por outro lado, esta seqüência verbal também pode ser classificada como aspecto não começado. Para isso seria necessário considerar que este discurso foi produzido antes do historiador começar a descrever o “viver dos trabalhadores rurais”, contudo, até este momento, já temos informações sobre a vivência destes habitantes, características do espaço que compõem o *corpus*, perspectivas de vida e a importância do Rio Muru.

A perífrase “estar” + a + infinitivo, pouco usada no Brasil, também foi utilizada pelo autor para mostrar aspectos imperfeito, durativo.

15. **As grandes concentrações fundiárias nas mãos de empresas como A-talla-Copersucar, Varig, Paranacre, Cinco Estrelas, Condomínio Tarrauacá S.A., entre outras, que fizeram surgir uma série de conflitos e tensão com índio, seringueiros e agricultores regionais, estão a comprovar esta afirmação. (imperfeito, durativo)**

Esta perífrase verbal pode ser convertida em uma construção mais comum ao português do continente americano. “Estar” + gerúndio em todas as flexões verbais exceto as de pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, apresenta os aspectos imperfeitos, cursivo, não acabado e durativo, construção frequente nos discursos dos depoentes. Nos enunciados (16), (17) temos verbos no presente do indicativo, enquanto em (18) e (19) os auxiliares estão no pretérito imperfeito.

16. **Isso já desde meno de cinco ano, cinco ano em diante já tá trabalhando.** (imperfectivo, cursivo)
17. **Tamo criando uns porcozím, galinha, aí a gente vai indo, né.** (imperfectivo, cursivo)
18. **Aí quando eu me casei, eu já sabia ler, aí o Hipólito (marido), ele recebia os talão e eu ia ler. Ele trazia a mercadoria do barracão, aí eu ia ler o talão e tava vendo que tinha mais objeto do que ele tinha comprado.** (imperfectivo, cursivo)
19. **Aí ele foi e começou a ficar com raiva de mim, por causa disso, porque disse que tava orientando os seringueiro e tava mesmo, porque a gente tava descobrindo os roubo que ele tava fazendo.** (imperfectivo, cursivo; imperfectivo, cursivo; imperfectivo, cursivo)

Ao analisarmos (16), notamos que o conceito de cursividade é indicado pelos adjuntos adverbiais de tempo “já” e “desde cinco anos” que reforçam a ideia de que a situação está em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. Já em (17), o aspecto cursivo é indicado pela abordagem do historiador ao apontar que:

Neste trecho da entrevista com o seringueiro e agricultor Francisco de Oliveira Lustosa, residente no Seringal paraíso, alto Rio Muru, é possível detectar aspectos importantes das formas de manutenção dos valores e tradições daquelas populações rurais, que se estabelecem ao mesmo passo em que se dá o envolvimento ou a participação familiar nos afazeres diários. Na observação dos pais, nas conversas, no ambiente familiar, reproduzem-se valores que expressam mecanismos próprios daqueles grupos sociais constituírem suas identidades. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 45)

É importante distinguir que “criar porcos” é habitual ao contexto, mas “tamo criando” mostra que esta atividade rotineira está em seu momento de desenvolvimento. Os períodos (18) e (19) apresentam semelhante aspecto perifrástico; ambos expressam aspectos imperfectivo, cursivo. No entanto, na proposição (19) podemos perceber nitidamente o desenvolvimento da situação pelas perífrases “tava orientando”, “tava descobrindo” e “tava fazendo”. A depoente desenvolve de forma organizada em seu discurso, pelos verbos principais, as fases deste processo que ainda não está concluído. Este aspecto é o mais usado pelos depoentes ao empregarem perífrases com o verbo “estar”.

20. **De premeiro tava indo no barco da prefeitura, né, mas agora tá a maior enrolada e o pior é pra nós, né, porque eles num quer mais vija, né.** (imperfectivo, terminativo)

Apesar de (20) indicar a perífrase “estar” + gerúndio, como as frases anteriores, seu valor aspectual não pode ser classificado de forma se-

melhante ao que já vimos uma vez que, os vocábulos “de premeiro” e “a-gora”, indicadores de tempo, informam que esta ação já está terminada, sendo, portanto, aspecto imperfeito terminativo. Na frase (21) o aspecto terminativo” é expresso pelo verbo principal que constitui a perífrase “tá espocando”. Temos aí, uma situação nos momentos de término.

21. **Agora que ela dá alto, que ninguém (pausa), é difícil de trepá, espera cai no chão, já tá espocando por ela mermo. (imperfeito, terminativo)**

Por ser um texto de carácter histórico as ocorrências com “ir”, na maioria dos casos, fazem relação com o momento passado, indicando ação concluída, ou com a ideia de continuidade. Contudo, chama a atenção as variações desta forma verbal nas produções do entrevistador e dos entrevistados.

Das 23 atualizações perifrásticas com “ir”, realizadas no discurso de Albuquerque, somente em 7 situações encontramos o aspecto imperfeito, todas as demais se apresentam como completas. Destacamos algumas situações para análise.

22. [...], muitas famílias de seringueiros-agricultores continuam na dependência do barracão, “subjugadas” por dívidas, “almilhadas” em sua dignidade, a poucas horas de viagem, nas proximidades de Tarauacá, já *vamos encontrar* o barranqueiro, o colono que não mantém nenhum tipo de vínculo com os patrões. (imperfeito, cursivo)
23. Construindo suas alternativas de sobrevivência, por caminhos distintos, amparados por valores, concepções, conflitos, crenças e tradições vinculadas intimamente às suas culturas, os trabalhadores rurais *vão intervindo* na construção de seus cotidianos. (imperfeito, durativo)
24. Essas afirmações refletindo uma espécie de “acordo do silêncio” ou “sei, mas não posso falá”, *foram aparecendo* em conversas informais e, mesmo na hora das gravações, mas sempre em tom baixo, quase sussurradas a demonstrar um medo que, cavado fundo, emerge subjacente a toda repressão de que *foram e continuam sendo* vítimas, ao longo de todos esses anos de “funcionamento” da empresa extrativista. (imperfeito, inceptivo; imperfeito, durativo)
25. Desse modo, *fui sendo levado* a melhor compreender e analisar o tipo de relacionamento estabelecido por aqueles grupos humanos com o mundo da natureza, a partir do diálogo com seus depoimentos, pela observação de seus modos de vida durante a pesquisa, e pelas informações e histórias contadas por meus pais e parentes. (imperfeito, durativo)

Pelos exemplos apresentados até a frase (29), notamos que o verbo “ir” não indica nem futuro nem passado, mas retrata o momento em

que ocorre a ação, em seu ponto de desenvolvimento – aspecto cursivo. Com o uso desta perífrase o autor nos mostra a atemporalidade presente nos fatos descritos: “Diferente de nosso tempo cronológico, no cotidiano das matas os homens e mulheres vivem um tempo sincronizado com valores que, embora sofram transformações ao longo dos anos, vêm se mantendo de geração em geração” (ALBUQUERQUE, 2005, p.39).

Travaglia afirma que a perífrase “ir” + infinitivo marca tempo futuro com todas as flexões temporais com que é possível. Contudo, no enunciado (22) este posicionamento teórico é contestável, uma vez que o autor não propõe fazer uma apresentação futurista do cotidiano dos seringueiros-agricultores, mas “trabalhar suas experiências no contexto das transformações ocorridas no Acre, a partir dos anos 70”. Logo, devemos considerar que, para a análise aspectual das perífrases, é preciso levar em consideração, conforme já mencionamos anteriormente, tanto os elementos linguísticos quanto os extralinguísticos. Trata-se de uma categoria essencialmente de ordem semântica.

Em (23), a perífrase “ir” + gerúndio marca aspecto durativo, apresentando a situação como tendo desenvolvimento gradual, marcando a ideia de progressividade. No entanto, na proposição (24), cuja situação demonstra-se incompleta, percebemos que a perífrase “foram aparecendo” indica os primeiros momentos da ação – aspecto inceptivo. Já a forma composta “foram e continuam sendo” expressa uma duração contínua e limitada da situação. Com estas construções é possível perceber o *feedback* desenvolvido pelo historiador para revelar o processo esporádico do qual estes moradores foram submetidos. Além destas perífrases, a expressão “ao longo de todos esses anos” reforça a ideia de duração.

A perífrase “fui sendo levado”, presente na frase (25), mostra que a noção de duração não é apresentada pelo verbo principal da construção, mas pelo primeiro auxiliar “sendo”. Se considerarmos apenas “fui levado” teremos um resultado semântico distinto do proposto no texto, uma vez que esta colocação exprime aspectos perfectivo, terminativo. Teríamos no enunciado uma situação completa com aspecto terminativo, já que a situação é apresentada em seus últimos momentos. O auxiliar “ser” permite esse deslocamento espacial que aponta o aspecto durativo na situação.

Contudo, o simples fato de termos na frase um processo ou um estado, que são situações durativas, não serve como indicadores deste aspecto, pois é preciso ver se a oração em questão está marcada como dura-

tiva. Os verbos “compreender” e “analisar” pospostos à perífrase apresentada em (25) contribuem para indicar duração contínua limitada.

Também chama a atenção nas formas perifrásticas com “ir”, no discurso do autor, o número considerado de situações analisadas como completas, cuja classificação aspectual é de ação durativa. Travaglia critica a tentativa de se nomear um aspecto perfectivo durativo, já que os termos indicam significados opostos. Contudo, ao apresentar uma abordagem histórica, Albuquerque consegue desviar esta oposição, mostrando-nos as etapas minuciosas percorridas durante o desenvolvimento da situação.

26. **Um longo e conflituoso caminho *foi percorrido*, desde a formulação de meu projeto inicial de pesquisa, até o momento em que apresento esta versão do trabalho. (perfectivo, terminativo)**
27. **A possibilidade de trabalhar com outras questões, de pensar uma abordagem histórica sem determinismos, *foi-me propiciada* nas reflexões com a professora Yara Aun Khoury; durante os encontros e “oficinas” de história oral; [...]. (perfectivo, terminativo)**

Na frase (26), é possível perceber que “o caminho já foi percorrido”, havendo, então, uma situação completa, mas, ao descrever o percurso que o autor fez para chegar a esta realidade, nota-se um processo extenso e durativo. Situação semelhante acontece também em (27), algo já “foi propiciado”, marcando ação completa, em sua totalidade e, conseqüentemente, o perfectivo. Contudo, percebemos que Albuquerque descreve os passos dados para tal resultado: “nas reflexões com a professora Yara Aun Khoury; durante os encontros e ‘oficinas’ de História Geral; [...]”. Este zelo em situar o leitor revela as etapas do processo, apontando, assim, uma situação com aspecto durativo.

Ao contrário, se substituirmos a construção perifrástica por uma forma simples do verbo – “foi percorrido” / “percorri”, constatamos que o enunciado sofrerá alteração semântica, sendo classificado como aspecto perfectivo, terminativo. Em 22 enunciados com perífrases de “ir”, o autor utilizou o auxiliar no pretérito perfeito do indicativo 20 vezes, sendo que nas outras 2 situações, ele empregou o presente do indicativo.

No texto em foco, encontramos as seguintes construções com o verbo “vir”: “vir” + gerúndio, “vir” + particípio, “vir” + infinitivo e “vir” + partícula apassivadora + gerúndio. Na maioria das vezes expressam ação dinâmica dos verbos conforme podemos perceber nos enunciados

(28) e (29) retirados do discurso de Albuquerque.

28. Na escolha do tema, fui influenciado não simplesmente pelos contatos que *vinha estabelecendo*, enquanto militante político e professor universitário, com as lutas e movimentos dos trabalhadores rurais de Tarauacá, mas fundamentalmente, por uma forte herança familiar. (imperfectivo, cursivo)
29. Boa parte das entrevistas realizadas na área da pesquisa são importantes para observarmos outros aspectos que envolvem trabalho familiar, manutenção de tradições e esse relacionamento com a floresta, que *venho insistindo* ter enorme significado na formação de suas identidades culturais. (imperfectivo, cursivo)

Das 15 frases retiradas do texto com perífrase “vir”, 14 são compostas por “ir” + gerúndio, indicando aspecto imperfectivo e cursivo. Houve variação, quanto ao tempo verbal do auxiliar, sendo, ora pretérito imperfeito, ora presente do indicativo. Nos dois exemplos percebemos que a situação é analisada em processo de desenvolvimento, não tendo referência ao momento de início, nem expectativa de encerramento, pois demarca uma verdade histórica. Não podemos confundir este aspecto com o começado ou não acabado, já que precisaríamos ver a ação após seu início e antes do momento de término. Seria necessário um elemento linguístico, como adjuntos, para demarcar estes pontos referenciais, conforme constatamos em:

30. Na escolha do tema, fui influenciado não simplesmente pelos contatos que *vinha estabelecendo*, durante um ano, enquanto militante político e professor universitário, com as lutas e movimentos dos trabalhadores rurais de Tarauacá, mas fundamentalmente, por uma forte herança familiar. (imperfectivo, começado ou não acabado)

Na mesma medida, a perífrase formada por “ir” + partícula apassivadora + gerúndio apresenta valor semântico igual às apresentadas por “ir” + gerúndio, devendo ser classificadas como imperfectivo, cursivo. O historiador utilizou esta sequência apenas uma vez em seu discurso.

31. Uma parte deles *vem se dedicando*, prioritariamente, à retirada de madeira e incentivando os seringueiros a fazerem o mesmo, como forma de “saldar suas dívidas”. (imperfectivo, cursivo)

Quando substituímos o presente do indicativo pelo pretérito imperfeito “vinha se dedicando” ainda teríamos o mesmo aspecto. No entanto, no pretérito mais que perfeito “viera se dedicando” e no pretérito perfeito “veio se dedicando”, a situação passa a ser vista em sua totalidade e o aspecto verbal é classificado como durativo.

No enunciado (32) notamos que o historiador troca um verbo de

estado “estar” por verbo de ação “vir”, dando valor de locomoção à ação narrada.

32. A falta de estrada ou de uma estrutura de transporte fluvial, como canoas e barcos para escoamento dos produtos, a ausência de uma tradição eminentemente agrícola, além de outras dificuldades, funcionam como uma espécie de “expropriação” que precisa ser levada em conta, por *vir carregada* de uma silenciosa violência que alcança as raízes da cultura de identidade dos seringueiros-agricultores. (imperfectivo, cursivo)

A escolha por “vir” + participípio possibilita conhecermos as fases em que a ação se desenvolveu como se estivesse sendo mostrada em câmera lenta. Com o uso do verbo “estar”, construção mais comum para esta perífrase, a situação não terá caráter dinâmico, sendo classificada como aspecto perfectivo.

Quando analisamos as construções perifrásticas com “vir” transcritas da fala dos depoentes percebemos que, a exemplo do discurso de Albuquerque, elas também estruturam, na maioria das vezes, as perífrases com “vir” + gerúndio, sendo classificadas como imperfectivo, cursivo. Mas, ao verificarmos o período (33) com auxiliar no pretérito perfeito do indicativo e verbo principal na forma infinitiva, vemos um aspecto imperfectivo, não começado.

33. *Aí eu ia fazer, aí ele (o patrão) vêi mandar eu ir cortá que aí ele me vendia farinha.* (imperfectivo, não começado)

No geral, esta estrutura perifrástica não marca aspecto e indica apenas tempo futuro. Entretanto, neste exemplo temos aspecto imperfectivo, não começado marcado pela flexão temporal que possibilita o desparecimento da ideia de futuro.

Vemos, então, que as perífrases compostas pelo verbo “vir” são pouco utilizadas tanto no discurso escrito quanto no falado. Talvez isso seja justificado pelo fato de expressar movimentação, assim como ocorre com “ir”, mais frequente no *corpus*.

3. Conclusão

O presente estudo tem como modelo teórico a proposta de Trava-glia (2006) apresentada em “O Aspecto Verbal no Português, a categoria e sua expressão”. Apresentamos alguns estudiosos que desenvolveram pesquisas relacionadas ao aspecto verbal, mas consideramos a aborda-

gem de Travaglia a que melhor atende às necessidades específicas desta categoria no material analisado, visto que algumas construções perifrásticas que constam no *corpus* ainda não foram estudadas pelos autores aos quais tivemos acesso. Mesmo assim, o teórico é o que apresenta maior possibilidade de classificação desta categoria.

Inicialmente prevíamos que as perífrases cujos verbos auxiliares são compostos por “ter”, “haver”, “estar”, “ir” e “vir” são comuns nos discursos de narrativas históricas. Constatamos que, além destas perífrases, as compostas por “ser” também são muito utilizadas no texto. Perífrases formadas por estes verbos normalmente apresentam aspecto imperfeito, “A”, durativo, habitual. Assim como prevíamos, comprovamos que as perífrases verbais são mais comuns no texto oral do que as formas simples do verbo. Este recurso fornece dinamicidade à situação narrada, preenchendo as lacunas espaciais que as classificações temporais produzem.

Por representar uma forma mais elaborada do uso do vernáculo, julgamos que a perífrase “haver” seguida de particípio seria mais utilizada no discurso do autor do que a forma “ter”, anterior a verbo no particípio, comum na fala dos depoentes. Os dados nos mostraram que não há construções com “haver”, tanto no discurso dos depoentes quanto no do historiador; ambos utilizam “ter” que apresenta significado semelhante.

Outra hipótese que levantamos foi a de que as perífrases “ir” + infinitivo são mais comuns nos relatos dos depoentes, enquanto as formas “ir” + gerúndio ocorrem com frequência no discurso do autor. A análise nos mostrou que a forma seguida por gerúndio é mais usada pelos entrevistados, enquanto Albuquerque, normalmente, empregou os verbos principais no particípio. Contudo, é verdadeira a hipótese de que há maior ocorrência do verbo “vir” + gerúndio, do que a forma “vir” + de + infinitivo no texto analisado.

Quanto à questão de se aspectualizar o discurso histórico, concluímos, após análise, que esta afirmação é real. As perífrases verbais permitem uma apresentação mais detalhada das situações. Além disso, Albuquerque muitas vezes fez uso de elementos linguísticos, como os adjuntos adverbiais, para enfatizar as situações que observou. No entanto, percebemos que o contexto em que se desenvolvem as ações é essencial para a definição do valor aspectual da situação. Procurar substituir as formas compostas por formas simples significa estar sujeito a modificar o valor semântico do texto, mas fica para um próximo trabalho o estudo acerca desta questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática de português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*. Poro: Porto Editora, 1994.

CASTILHO, Ataliba T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal da língua portuguesa*. São Paulo: Coleção de teses nº 6, 1968.

COSTA, Sônia B. B. *O aspecto em português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CERQUEIRA, Vicente C. *O presente simples e o progressivo do inglês e o presente do indicativo e progressivo do português: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1984.

COSTA, Sônia B. B. *O aspecto em português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TURAZZA, Jeni Silva. *O verbo: uma abordagem léxico-semântica*. São Paulo: Annablume, 2002.